

DOIS PERDIDOS NUMA NOITE SUJA: UMA ANÁLISE DA CONVERSAÇÃO LITERÁRIA NO TEXTO DE PLÍNIO MARCOS

Fernando Leite MORAIS¹

Doutorando em Língua Portuguesa/PUC-SP

RESUMO: A conversa é o princípio básico de interação do ser humano. Por meio da conversa as pessoas desenvolvem assuntos, cada um tem sua vez de falar que pode ser respeitada ou não, a fala sobreposta ou não e, por vezes, utilizam signos gírios e elementos linguísticos que marcam a coesão e a coerência do texto falado. Correções, pausas e hesitações também são elementos que efetivam uma conversação natural. Objetiva-se, com este estudo, analisar as gírias e os marcadores conversacionais como elementos de interação no diálogo literário na peça teatral *Dois perdidos numa noite suja*, de Plínio Marcos. A Sociolinguística Interacionista e a Análise da Conversação fornecerão os fundamentos teóricos para o desenvolvimento deste trabalho. Mais especificamente, teremos por aporte os textos de Preti (2004) e Marcuschi (2008), cujas obras são referências na explanação e clareza dos temas conversação, marcadores conversacionais e gíria, além de Urbano (2001), a respeito dos marcadores conversacionais.

Palavras-chave: Plínio Marcos. Análise da Conversação. Gíria. Marcadores Conversacionais.

*Quando falamos em gíria,
devemos ter presente
um fenômeno tipicamente
sociolinguístico...*

Dino Preti

Noções preliminares

O presente estudo visa a realizar uma análise de gírias e marcadores conversacionais como elementos de interação no diálogo de personagens de ficção da peça teatral de Plínio Marcos, intitulada de *Dois perdidos numa noite suja*. Utilizaremos o texto literário como *corpus* e a análise se realizará a partir de preceitos da Análise da Conversação e Sociolinguística Interacionista.

Este artigo está organizado em seis partes: a primeira parte trata de explicar o que é a conversação.

¹ Endereço eletrônico: fndo.l.m@gmail.com

A segunda parte dialogará sobre a transposição da conversação natural para o diálogo de ficção, ou seja, a conversação literária.

Na terceira parte veremos as macro e microanálise das variantes linguísticas.

A quarta parte apresentará o aporte teórico sobre marcadores conversacionais. Trata-se de tornar perceptíveis os sinais de interação entre falantes e ouvintes.

A quinta parte abordará os conceitos teóricos acerca do fenômeno linguístico denominado gíria, quando então trataremos da distinção entre a gíria de grupo e gíria vulgar.

A sexta parte trata da apresentação do *corpus* e quinta parte é análise do corpus. Nessa última, apresentaremos as ocorrências e análise dos marcadores e das gírias encontrados durante o diálogo literário.

A conversação

A organização da conversação pode ser regulada pelos seguintes aspectos: interação entre dois falantes, no mínimo; a troca de falantes, uma pelo menos durante o diálogo; realização em identidade temporal e interação centrada.

Deste modo, entendemos por interação face a face a conversa que agrega dois ou mais falantes, que tem por objetivo estabelecer um diálogo. A conversação é o princípio das formas de linguagem ao qual ficamos expostos e do qual nunca abriremos mão. A conversação é o gênero fundamental e básico para a interação entre os seres humanos. Essas observações implicam estabelecer a linguagem como dialógica, quando conversamos, geralmente, acontece por meio de perguntas e respostas ou asserções e réplicas (MARCUSCHI, 2008).

Assim, poderemos entender a conversação como interação verbal centrada na qual os interlocutores desenvolvem os assuntos. Por isso, toda conversação está centrada em alguma circunstância ou contexto que prenda a atenção dos participantes durante o diálogo. Para que a conversação seja efetuada, os interlocutores devem deter um mínimo de conhecimento partilhado possível para que haja a interação.

O padrão básico da conversação é um respeitar a vez do outro, falando um de cada vez. Ou seja, um espera o outro concluir o turno evitando que todos falem ao mesmo tempo e uma pessoa só não deve falar o tempo todo sem dar o turno ao outro. A distribuição de turnos durante o diálogo pode ser vista como elemento disciplinador do mesmo (MARCUSCHI 2008).

Entretanto, as regras que regulam os turnos podem ser violadas com os denominados assaltos aos turnos dos interlocutores. O assalto ao turno pode proporcionar um mecanismo-chave para a organização estrutural do texto falado. Desta maneira, a conversação acontece entre pelo menos dois participantes em situação face a face, dentro do processo interacional.

Como podemos observar, durante a conversa existem turnos, ou seja, a vez de cada interlocutor falar, que podem ser assaltados ou sobrepostos durante a interação conversacional. Outros elementos que contribuem para o processamento da conversação são os marcadores conversacionais, as correções e paráfrases e também o tratamento referencial entre os interlocutores.

Outra questão de grande importância que o *corpus* pode apresentar é o uso de gírias, de grupo ou não, que revelam as intenções, os costumes e identificam o grupo, como pistas de uma identidade específica de um grupo social.

Neste artigo pretendemos analisar esses elementos linguísticos, nos valendo do potencial das teorias aqui aplicadas.

A conversação literária

Neste estudo, o diálogo entre personagens de ficção representa o diálogo em situação real. A literatura constitui um ótimo *corpus* para analisar o diálogo, pois há muitos autores influenciados pela oralidade explicitada em diálogos de personagens.

Preti (2004, p.117) aponta que esse *corpus* ou corpora literário muitas vezes pode suprir o material gravado para registro de variantes da língua oral, representando ou testemunhando o modo que as pessoas utilizam a fala em diversas situações de interação. Os falantes da ficção, narradores e personagens, tomam o lugar de interlocutores reais, produzindo, de forma natural ou não, a realidade da oralidade.

Seria temerário afirmar, entretanto, que, estudando-se a língua de uma época por meio de narrações ou diálogo literários (ou teatrais), teríamos uma visão real do que foi a língua falada dessa época. Mesmo porque foram desiguais, ao longo da história literária, as relações entre linguagem de ficção e a língua oral. Mas podemos dizer que, em todos os momentos da literatura, encontramos autores que se deixavam influenciar pela oralidade, levando para a escrita variantes que deveriam ter sido comuns em seu tempo.

O mesmo autor (p.201) ensina que o método para o tratamento de tais textos é a suposição de sempre nos depararmos com produções reais e naturais de diálogo, espontâneos sobre os quais

vamo-nos debruçar para identificar modelos de conversação, estratégias discursivas ideais que a língua nos oferece para resolver situações de comunicação. Tais estratégias estão sempre ligadas a uma realidade linguística internalizada pelos autores e tornada viva nos textos, embora dela estejam quase sempre ausentes algumas características tipicamente orais, como a sobreposição de vozes, por exemplo.

Como método de análise do texto literário, teremos por norte também a proposta de Preti (2004) a respeito das macro e microanálise das variações linguísticas quais explicitaremos a seguir.

As macro e microanálise das variações linguísticas

Preti (2004, p.139) explica que, neste momento, podemos analisar variações de comportamento linguístico dos falantes, tendo por base as **variáveis sociais**,

considerando-se, nos falantes, a sua faixa etária, sexo (gênero), profissão, escolaridade, origem geográfica, bem como suas variáveis psicológicas, seu tipo de pessoa que explicaria muitos aspectos de sua linguagem, como por exemplo, seu ritmo de voz. Essas variações, associadas à **situação de comunicação**, isto é, às condições sem que se desenvolve a conversação (local, grau de intimidade entre os falantes, tema etc.) poderiam fornecer pistas para uma análise próxima da realidade do comportamento linguístico de um falante, permitindo classificar sua linguagem como **culta, comum, popular, vulgar, etc.**²

Outra perspectiva qual nos apoiaremos para realizar análise do texto literário é a microanálise das variações linguísticas.

Quanto a microanálise das variações linguísticas, Preti (2004) explana que para esta etapa, analisam-se as estratégias de conversação que os interlocutores utilizam para alcançar seus objetivos. Essas estratégias, nem sempre dependem dos fatores extralinguísticos, mas, geralmente, estão ligados às situações de interação. Ou seja, todos os falantes, de acordo com seus interesses, desenvolvem estratégias de condução de seu

² Grifos do autor.

discurso, que podem ou não ser planejadas, para direcionar a conversação de acordo com seus objetivos

Marcadores conversacionais

Segundo Urbano (2001) os marcadores conversacionais são elementos de interação que se revelam durante a conversação, e podem ser lexicalizados (eu acho que, né, certo, então), não lexicalizados (hum, uhn uhn, ah, eh) e prosódicos (pausas, entonação, alongamentos de vogais e mudanças no ritmo). Esses marcadores são responsáveis por ajudar na coesão e na coerência do texto falado e têm a função de articuladores de unidades cognitivo-informativas, tomando conta de amarrar não só as estruturas internas do texto falado, mas também a interação entre os falantes e ouvintes.

Marcuschi (2008) denomina os marcadores como *sinais do falante* e *sinais do ouvinte*. Os sinais do falante têm a função de orientar o ouvinte e podem estar pré-posicionados em início de turno (*olha, veja, bom, mas eu, eu acho*, entre outros) ou pós-posicionados final de turno (*né, certo?, viu?, entendeu?, é isso aí*, etc.), já os sinais do ouvinte orientam o falante e podem ser de concordância com o assunto (*sim, ahã, claro, pois não*, etc), de questionamento (*será?, não diga, ué, como assim?*, etc.) ou de divergência (*não, discordo, nada disso, nunca, calma*, etc.).

Outro elemento que marca e coordena a interação entre os falantes durante a conversação é a gíria. Percebemos, durante estudo para nossa dissertação de Mestrado (Cf. MORAIS, 2015) que no diálogo entre os *funkeiros* as gírias são utilizadas como elementos de interação e algumas revelam pertencer ao contexto de utilização do grupo especificamente.

Gíria

Do ponto de vista do vocabulário, a gíria é uma característica fundamental na comunicação do dia a dia.

Grosso modo, podemos denominar a gíria como um vocabulário efêmero, algo que está em constante mudança e, por isso, o uso e as escolhas sempre estão mudando em um tempo muito curto:

Quando falamos em gíria, devemos ter presente um fenômeno tipicamente sociolinguístico, que pode ser estudado sob duas perspectivas: a primeira, a da chamada *gíria de grupo*, isto é, a de um vocabulário de grupos sociais restritos, cujo comportamento se afasta da maioria, seja pelo inusitado, seja pelo conflito que estabelecem com a sociedade. Inusitados são, por exemplo, os grupos jovens ligados à música, à dança, às diversões... (PRETI, 2004, p. 66)

Ou seja, a gíria de grupo é um vocabulário restrito, pertencente a um respectivo grupo, e quem não faz parte do mesmo, um não iniciado, não compreende o que se fala:

A gíria de grupo é usada por falantes que pretendem comunicar-se com seus interlocutores, sem serem entendidos por outros que não pertencem ao grupo. Preservando portanto, a significação dos vocábulos, a gíria torna-se uma linguagem secreta, somente compreensível aos iniciados. (Idem, Ibidem, 2004: 67)

A gíria de grupo é uma das perspectivas da gíria, outra é a da gíria comum

que estuda a vulgarização do fenômeno, isto é, o momento em que, pelo contato dos grupos restritos com a sociedade, essa linguagem se divulga, torna-se conhecida, passa a fazer parte do vocabulário popular, perdendo sua identificação inicial. (idem)

Com a propagação do vocabulário, como já explicado por nós em Dissertação de Mestrado (Cf. MORAIS, 2015) a respeito das gírias na comunidade linguística *funk*, a gíria deixa de ser criptológica, algo que somente o grupo que a profere entende e passa a ser utilizada como vocabulário popular. Podemos notar, por exemplo, as gírias *mina*, *mano*, *broto*, que não são mais gírias de grupo, criptológicas, e sim signos considerados populares atualmente, diferente de gírias como *goma* (casa), *pikadilha* (jeito de se vestir; elogio quanto a beleza da pessoa, entre tantos outros significados que o vocábulo pode fornecer de acordo com o contexto de uso), *pesada de kit* (mulher que utiliza roupas da moda *funk*), que apresentam uma significação restrita ao grupo.

O corpus

Nosso *corpus* é formado por um texto de peça teatral de Plínio Marcos, denominado de *Dois Perdidos Numa Noite Suja*. Ele nasceu em Santos, em 29 de setembro de 1935, e faleceu em São Paulo, em 19 de novembro de 1999. Filho de um bancário (Armando) e de uma dona de casa (Hermínia), tinha 4 irmãos e uma irmã.

Segundo site oficial do autor, administrado pelos filhos, essa peça foi escrita e estreada em 1966, em São Paulo, no Bar Ponto de Encontro, transferindo-se em seguida para o Teatro de Arena, São Paulo. *Dois perdidos numa noite suja* é uma das peças mais montadas do autor. Foi também encenada na França, na Alemanha, na Inglaterra, nos Estados Unidos, em Cuba, além de adaptações para cinema.³ A peça é constituída por diálogos dos personagens Paco e Tonho. Estes últimos vivem à margem da sociedade, sobrevivendo de bicos e trapanças.

Optamos por não colocar o texto integral da peça neste espaço de artigo, pois não comportaria. Assim sendo, para análise, reproduziremos alguns trechos do texto, e, para contextualização, optamos por um breve resumo da narrativa.

Análise do corpus

Analisaremos o diálogo entre dois personagens, Paco e Tonho. Os dois personagens são adultos e vivem à margem da sociedade. O cenário é “um quarto de hospedaria de última categoria, onde se veem duas camas bem velhas, caixotes improvisando cadeiras, roupas espalhadas etc.

Nas paredes estão colados recortes, fotografias de time de futebol e de mulheres nuas.”⁴

Nesse diálogo, os dois falantes apresentam vocabulário repleto de gírias, palavrões e a variante coloquial prevalece nas utilizações da linguagem.

No primeiro ato, Paco está a tocar terrivelmente uma gaita e, por vezes, olha para os pés para admirar os sapatos novos que destoam das roupas; Tonho entra e vai direto à cama. Vejamos as ocorrências de marcadores conversacionais.

Na primeira fala de Tonho percebemos um marcador conversacional:

Tonho – *Ei!* Pára de tocar essa droga. (*Paco finge que não ouve*)

Esta expressão *Ei* representa um marcador verbal que tem por objetivo tomar a atenção do ouvinte, ou seja, é um sinal de falante que pretende garantir a atenção do ouvinte para que o restante do discurso proferido seja compreendido com atenção. No

³ Disponível em: <http://www.pliniomarcos.com/teatro/2perdidos.htm>. Acesso em 27/05/2016.

⁴ Disponível em: <http://www.pliniomarcos.com/teatro/2perdidos.htm>. Acesso em 27/05/2016

caso da fala de Tonho, a intenção é utilizar o marcador *Ei* para, posteriormente, expressar uma ordem ao ouvinte: *Para de tocar essa droga*.

Outro marcador que constantemente aparece na fala de Paco é o *poxa*:

Paco – As pulgas. Essa estrebaria está assim de pulgas.

Tonho – Disso eu sei. Agora quero que você não me perturbe.

Paco – *Poxa!* Mas o que você quer?

Tonho – Só quero dormir.

O marcador *poxa* se apresenta nessa situação como um elemento expresso pelo ouvinte para demonstrar certo espanto ou aversão ao que foi proferido pelo falante quando obtinha o turno de fala. Este marcador também é identitário da fala do personagem Paco e o acompanha, praticamente, durante toda sua fala. Além de algumas vezes representar um sinal de espanto, aversivo ao que se proferiu anteriormente, em outras situações parecer ser uma marca de fala identitária do personagem:

- *Poxa! Deixa de onda e dá essa merda.*

- *Não enche o saco, poxa!*

- *O que o negrão mandou te avisar, poxa.*

- *Poxa, logo eu! Eu não sou disso.*

Mais adiante, na fala de Tonho, encontramos o marcador *tá vendo*:

Tonho – *Tá vendo*, palhaço? Comigo você só entra bem.

Esse marcador serve na interação falada como um conselho ou aviso que pode retomar experiências anteriores para sua efetivação: conselhos, avisos, repreensões.

Em outra ocorrência, encontramos o vocábulo *então* como um marcador conclusivo:

Paco – Eu não comprei.

Tonho - *Então* roubou.

Paco – Ganhei.

Tonho utiliza o *então* como um sinal de ouvinte para concluir o dito anterior.

Na fala de Paco encontramos um marcador não lexicalizado:

Paco – *Ah*, você também acha o meu sapato legal?

Tonho – Acho e daí?

O marcador não lexicalizado *ah* na fala de Paco se apresenta como um elemento de conclusão durante a interação que demonstra que Paco realmente pôde compreender o que Tonho pretendia. Na resposta de Tonho aparece um *e daí* expressão que, além de quebrar a expectativa do interlocutor, apresenta o desinteresse do ouvinte pelo posicionamento do falante. Observamos também que durante os diálogos aparecem algumas vezes o sinal *seu* como marca designativa de interação:

Paco – Já morei.

Tonho – O quê?

Paco – Toda sua bronca.

Tonho – Que bronca, *seu*?

Seu é signo utilizado neste trecho do diálogo para designar o outro, porém suas aparições parecem ser em falas que o sentimento de raiva se apresenta:

Paco – Está bem, *seu*!

Paco – Não me aporrinha, *seu*!

Outro elemento que aparece como sinal de ouvinte é o marcador *É*:

Tonho – Com você a gente não pode falar sério.

Paco – Você só sabe chorar.

Tonho – Estava me abrindo com você, como um amigo.

Paco – Quem tem amigo é puta de zona.

Tonho – *É*... (Pausa longa. Paco tira a gaita do bolso e fica brincando com ela)

– Quer tocar, toque.

Esse marcador, na situação observada, denota um momento de reformulação do pensamento, também uma quebra de expectativa quanto ao ato do falante, marca um momento de interação inesperada pelo ouvinte.

A expressão *sei lá* em nossa observação ao *corpus* como sinal de ouvinte:

Tonho – Mas o que eu fiz pra ele?

Paco – Sei lá! Só sei que ele disse que você é muito fresco e que ele vai acabar com essa frescura. Que você é um cara que não aguenta nem um peido e que ele vai te ensinar a não se atravessar na vida dos outros.

Tonho – Quando ele falou isso?

Sei lá aponta um marcador de dúvida durante a interação falada, entretanto, pode aparecer como marca de algo considerado não relevante pelo ouvinte.

Entre outros marcadores que aparecem ao longo do diálogo:

Paco – *Positivo!* Vamos pras cabeças! (*Paco vai sair, Tonho o segura*)

Paco – Mas que é agora?

Tonho – Eu que mando, *entendeu?* Você só faz o que eu mandar! *Entendeu bem?*
Eu que mando.

Paco – Você está com uma pinta de entregador. *Veja lá, vagabundo!*

Positivo demonstra uma aceitação por parte do ouvinte, confirma a compreensão e a aceitação do que foi proferido pelo falante. *Entendeu* é um marcador que monitora a atenção e compreensão do ouvinte quanto ao assunto tratado pelo falante e *entendeu bem* acentua esta ideia de compreensão. A expressão *veja lá* se apresenta como um sinal de desconfiança do falante com seu interlocutor.

Não esgotamos as possíveis análises nem as ocorrências dos marcadores no *corpus* analisado. Porém, pelas ocorrências expostas verifica-se que os marcadores são elementos essenciais durante a conversa, pois propiciam a coesão e coerência na elaboração dos turnos, marcas específicas de falantes e elementos fundamentais da interação que representam sinais e monitoramentos entre interlocutores.

Outro elemento linguístico que evidencia a interação entre os interlocutores é a gíria, que passaremos neste momento a observar as ocorrências encontradas em nosso *corpus*.

O diálogo entre Paco e Tonho é marcado por gírias que representam como eram os signos gírios utilizados no vocabulário da época, segundo as representações de Plínio Marcos nesta peça teatral.

As gírias e expressões gírias selecionadas e observadas para este estudo foram as seguintes:

Paco – Se você não fizer isso, *eu te apago*.

O signo apagar neste contexto traz a significação de tirar a vida do outro.

Tonho – Vai ficar aí me *invocando?*

Invocar é gíria utilizada com a significação de irritação.

Tonho – Deixa de onda e dá o serviço.

Nesta ocorrência aprecem duas expressões gírias: *deixa de onda* que equivale a *não demore, fale logo* e *dá o serviço*, gíria marginal, que traz a significação de *diga onde roubou*.

Paco – Meu pisante é legal pra chuchu.

Pisante legal pra chuchu significa *sapatos bonitos*.

Paco- Já morei.

Tonho – O quê?

Paco – Toda sua bronca.

A expressão gíria *sua bronca* denota que o ouvinte sabe o porquê da *raiva* do interlocutor.

Paco – Você tem um sapato velho, todo jogado-fora e inveja o meu, bacana paca.

Sapato *todo jogado-fora* é expressão utilizada para dizer que o objeto de uso está velho, que não serve mais para utilização.

Tonho – Eu não estava brincando.

Paco – Vai ter forra.

Tonho – Você não é de nada.

O signo *forra* neste contexto significa que haverá vingança, que aquela situação não se acabará daquela forma.

Tonho – Fecha essa latrina de uma vez, paspalho.

Fechar a latrina equivale à expressão *fechar a boca, fechar a matraca, ficar de bico calado*, uma ordem para que o interlocutor não profira mais nenhuma palavra.

Paco – O que eu sei é que ele está uma vara com você. (*pausa*) Agora você não pode mais baixar no mercado.

Estar uma vara significar estar bravo, com muita raiva.

Paco – Sei lá se é. Sua velha pode trepar com qualquer um.

Paco – Então nunca mais vai ver sua coroa.

Velha e coroa são signos gírios para designar o outro, neste caso a mãe do ouvinte. O vocábulo *trepar* também consiste em gíria para relação sexual.

Tonho – Você até parece que quer ver minha caveira.

Ver a caveira de alguém significa desejar a morte do outro, que quer que o interlocutor esteja morto.

Paco – Vou te dar um alô. Volta pra tua casa. Aqui você só vai entrar bem.

Paco – Usou tanto tempo a pata dentro daquele casco furado, que esfriou o pé.

Paco – Você é louco? Poxa, eu acho que ficou goiaba.

Paco – Poxa, se você não gosta, mixa a brincadeira e pronto.

Dar um alô *denota um aviso, conselho*; já a expressão *aqui você só vai entrar bem* é uma expressão gíria que utiliza da ironia para sua significação e ressignifica o sentido literal que, para o grupo que a utiliza e a profere, passa a ter uma significação oposta aos léxicos expressos. Caso semelhante, analisamos em estudo sobre *funk* (Cf. MORAIS, 2015) no qual os jovens do grupo utilizam um signo de valor negativo para a sociedade e o transformam em sema positivo para a utilização do grupo. A título de exemplo, o signo *bandida* que podemos interpretar como transgressora da lei a princípio, porém, para o grupo *funk*, a bandida é a mulher mais paquerada em um baile, a mais cotejada, que toma toda a atenção, que *rouba a cena*. Ou seja, *aqui você vai entrar bem* parece intencionar uma atitude positiva, porém, é expressão utilizada para designar o oposto *se dar mal*.

Pata é vocábulo utilizado para designar o *pé* e *casco furado* para *sapatos velhos e cheios de furos*. São gírias depreciativas utilizadas como ofensas aos interlocutores.

Ficar goiaba é expressão utilizada para chamar o outro de louco, já a expressão *mixa* significa encerra: *mixa a brincadeira = encerrar a brincadeira*.

Após apontar as ocorrências das gírias e compreender seus significados e seus contextos de utilização, constatamos que elas são elementos fundamentais neste diálogo analisado, representam um vocábulo específico de um grupo à margem da sociedade. As gírias como *mixa*, *entrar bem*, *estar uma vara*, *fechar a latrina*, *pisante*, *pata*, *casco furado*, *dá o serviço*, entre outras, apresentam o modo de ver o mundo dos interlocutores e suas estratégias de interação por vocábulos específicos do grupo qual fazem parte.

Considerações finais

Após as análises e observações ao *corpus*, constatamos que o autor, Plínio Marcos, ao elaborar a fala de suas personagens incorpora muitos elementos da oralidade.

Para este estudo, escolhemos por objeto de análise os marcadores conversacionais e as gírias, porém os elementos da oralidade vão além do que analisamos na obra de Plínio Marcos, por exemplo, repetições, pausas, simetria e assimetria durante os turnos, desenvolvimento dos tópicos, assaltos ao turno, elementos que ficarão para uma próxima análise.

Os marcadores e as gírias encontrados e selecionados neste estudo revelam as estratégias de interação utilizadas pelos interlocutores para expressarem suas ideias, convencer um ao outro e, principalmente, o uso das gírias. As gírias são identitárias, demandam autoridade também a quem as profere para a comunidade linguística; são códigos criados para uma comunicação restrita de um grupo específico que conforme sua utilização na sociedade passa a circular em outros grupos e se torna popular.

Referências bibliográficas

- MARCOS, Plínio. *Dois perdidos numa noite suja*. São Paulo: Global, 1979.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Análise da conversação*. São Paulo: Ática, 2008.
- MORAIS, Fernando Leite. *Funk: a linguagem proibida – um ponto de vista sociolinguístico*. Dissertação de Mestrado, PUC-SP: 2015.
- PRETI, Dino. (org.) *Análise de textos orais*. São Paulo: Humanitas, 2001.
- _____. *Estudos de língua oral e escrita*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.
- URBANO, Hudinilson. Marcadores Conversacionais. In: PRETI, Dino. (org) *Análise de Textos Oraís*. Humanitas, 2001.

Referências eletrônicas

Informações sobre Plínio Marcos e obra analisada:

<http://www.pliniomarcos.com/teatro/2perdidos.htm>. Acesso em 27/05/2016.

TWO LOST IN A DIRTY NIGHT: AN ANALYSIS OF THE LITERARY CONVERSATION IN THE TEXT OF PLÍNIO MARCOS

ABSTRACT

Conversation is the basic principle of human interaction. Through the conversation people develop subjects, each one has its turn to speak that can be respected or not, speech overlapped or not. Corrections, pauses and hesitations are also elements that effect a natural conversation. Another important element to be understood and analyzed during the conversation is slang. Lexical proper to the oral modality of the language, slang has two perspectives: vulgar and group slang. The objective of this study was to analyze slang and conversational markers as elements of interaction in the literary dialogue in the play

Two Lost in a Dirty Night, by Plínio Marcos. Interactionist Sociolinguistics and Conversational Analysis will provide the theoretical basis for the development of this work. More specifically, we will have the contributions of Preti (2004) and Marcuschi (2008), whose works are references in the explanation and clarity of the topics conversation, conversational markers and slang, as well as Urbano (2001), regarding the conversational markers.

Keywords: Plínio Marcos. Conversation Analysis. Slang. Conversational Markers.

Envio: março/2018

Aceito para publicação: agosto/2018